

Ausentes da história, presentes no cotidiano: a pesca artesanal em Cabo Verde
como mote para uma discussão sobre o poder ¹

João Paulo Araújo Silva / UFMG

Palavras-chave: pescar artesanal; poder; desenvolvimento.

Se bem é doce,
Bai é maguado;
Mas, se ca bado,
Ca ta birado! ²

Optei por abrir este trabalho mobilizando como epígrafe o pequeno trecho da “Morna da Despedida”, composta pelo escritor caboverdiano Eugênio Tavares (1969, p. 41-42), por esta canção ser uma espécie de emblema do arquipélago, o que me dá a oportunidade de discutir um pouco sobre os atravessamentos que este contexto histórico produz no método e na teoria que estão sendo mobilizados na minha pesquisa de doutorado junto aos pescadores artesanais das ilhas (SILVA, 2018). ³

Inscrito na obra “Monumento aos Imigrantes” que fica situado em frente ao aeroporto internacional Nelson Mandela, na cidade da Praia, Ilha de Santiago, o trecho em questão comunica aos que chegam o doce sabor do retorno à terra natal, ao mesmo tempo que transmite uma mensagem de esperança e de força aos que precisam partir.

Em qualquer que seja o contexto sociocultural de análise, a partida tem um sentido forte, basta olharmos, por exemplo, para nossa própria música, poesia e literatura quando trata do tema, mas em Cabo Verde há algo mais, pois ali podemos pensá-la como central no processo de conformação da memória coletiva e de suas relações com o cotidiano desta sociedade.

Esta Morna, portanto, dialoga com a partida não como algo circunstancial, mas como um fenômeno que se espraia pelo tecido social como a experiência do exílio, como uma experiência dolorosa tanto para quem se vê obrigado a partir, como por aqueles que

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Se regressar é doce / Ir é maguado / Mas, se não fores / Não há melhora / Não regressa)!

³ A Morna, que em 2019 foi declarada Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO, é um gênero musical originário das ilhas com aproximações estéticas muito importantes com o fado.

são deixados para trás — algo como o que ocorreu de maneira mais intensa no sertão do nordeste brasileiro e que foi romanceado com tanta sensibilidade pelo alagoano Graciliano Ramos (2020), na obra “Vidas Secas”.

Ao longo da história de sua ocupação, o arquipélago foi assolado por grandes ciclos de fome que em algumas ocasiões chegaram a vitimar mais de 30 mil pessoas. Crises estas que a historiadora cabo-verdeana Elisa Andrade (1996) compreende como eventos socialmente produzidos pela negligência, pelo descaso e pela infâmia da coroa portuguesa para com o então território colonial.

O clima é tropical e irregular, com um regime de precipitações aleatório, às vezes caracterizado pela sua concentração sobre um período de tempo muito curto e outras, pela sua ausência, o que põe em perigo as colheitas, a vida dos animais e, portanto, a dos homens. A estação das chuvas situa-se entre julho e outubro. Desde há séculos, as ilhas são frequentemente atingidas por crises de secas que, no passado, provocavam fomes dizimando, por vezes, até trinta mil pessoas” (ANDRADE, 1996, p.21)

Apesar de críticas sobre o processo de ocupação colonial do arquipélago tão bem construídas como aquela encontrada na obra da professora Elisa Andrade não serem eventos isolados, ainda é lugar comum encontrarmos discursos marcados por um pessimismo ambiental estruturado na falta de chuvas e nas terras áridas do arquipélago como causas isoladas que levaram às fomes no passado e que emperram o progresso no presente, posição que, de algum modo, ajuda a matizar os efeitos de longa duração do catastrófico modelo de povoação das ilhas implementado pelos portugueses a partir de 1460.

Como é público e notório, Cabo Verde possui uma das maiores diásporas do mundo em termos proporcionais. Estima-se em cerca de 1,5 milhões de cabo-verdeanos e descendentes fora do país, em face de uma população residente que soma cerca de 500 mil pessoas.⁴

Com um impacto econômico enorme devido às remessas de dinheiro do exterior que representam mais de 11% do Produto Interno Bruto, a diáspora também tem um peso significativo nas disputas de poder internas ao arquipélago, ao ponto de em tempos de eleições, os candidatos terem de adotar estratégias bem estruturadas voltadas para aqueles

⁴ Disponível em: <https://www.asemana.publ.cv/?Cabo-Verde-estima-1-5-milhoes-de-nacionais-e-descendentes-fora-do-pais-ministro&ak=1>, acessado em 19 de agosto de 2022.

que se encontram fora, mas que continuam a participar ativamente da vida política do seu país.⁵

Encontrado inabitado em 1460, mas provavelmente não desconhecido, já que há um burburinho consistente de que navegadores do norte da África já o haviam localizado antes dos europeus, o arquipélago africano cumpriu papel central na consolidação do avanço português nos mares do sul, principalmente em função de sua localização estratégica a meio caminho de África, Europa e América, o que o transformou em um importante ponto de parada no atlântico e em um grande mercado de escravizados a céu aberto, rendendo muito lucro para a coroa portuguesa, principalmente nos primeiros séculos de sua colonização (CABRAL, 2012).

Intimamente conectadas com o comércio de escravizados e seguindo aquilo que Elisa Andrade (1996) chama de “dimensão especulativa” da ocupação do território (p.42), as ilhas, como o arquipélago da Madeira, também foram transformadas em grandes laboratórios do modelo de ocupação colonial - leia-se da estrutura da plantation - que mais tarde iria ser utilizado com muito êxito para a colonização do nordeste brasileiro (SCHWARCZ & STARTLING, 2015, p.30).

Estas estratégias de administração do território foram determinantes para que as ilhas de Santiago e Fogo fossem as primeiras a serem ocupadas e sofressem uma ocupação intensa, sendo transformadas nas bases dos europeus que controlavam o tráfico de escravizados e as plantations cujos resultados eram convertidos para o ciclo do tráfico negreiro (CABRAL, 2012).

Ao longo do século XVI ocorrem grandes mudanças na estrutura do poder metropolitano e as ilhas são literalmente abandonadas à própria sorte já no início do século seguinte. Este abandono é apontado como um marco para a ascensão da primeira elite *crioula* no horizonte do mundo colonial europeu, elite esta que passa a ocupar os cargos administrativos deixados vagos pelos europeus que se desinteressam pelas ilhas tão logo a coroa desobriga as escalas do tráfico negreiro no arquipélago. Aliás, ao longo da história de sua ocupação, esta será apenas a primeira de uma série de movimentos bruscos e repentinos da metrópole em relação ao seu território colonial que irão impactar profundamente o destino das ilhas.

⁵ Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/remessas-enviadas-pelos-emigrantes-para-cabo-verde-ja-aumentaram-quase-40-em-2021_n1373318, acessado em 19 de agosto de 2022.

A segunda década do século XVII e especificamente o ano de 1613 marcam o início de uma ruptura na sociedade local reflectida em primeira mão no descalabro da vida urbano mercantil da Ribeira Grande. Isto não esquecendo as feridas profundas que as secas e as consequentes fomes (1609-1611) fizeram na ilha. O governo central conhecia bem a situação. Mas os lucros dos contratadores aumentavam ao eliminar a intervenção do entreposto de Cabo Verde e o rei precisava dos empréstimos dos grandes mercadores peninsulares. Lamentava-se a sorte dos moradores, mas não se tomaram medidas para sustentar a crise. Esta elite local, em sua maioria os descendentes próximos dos europeus que deixaram as ilhas, vão tratar de expandir o processo de ocupação do arquipélago a partir de termos um pouco distintos daqueles dos europeus.

A composição da Câmara Municipal da Ribeira Grande reflecte directamente a mudança social. Até ao final do século XVI o município fora dirigido por "brancos honrados". À sua chegada ao arquipélago (1604) os jesuítas ainda observaram que na cidade havia "(...) muita gente de Portugal e na Câmara raramente entrava crioulo...". Mas, em 1617, já apresentavam como sintoma de mudança na sociedade urbana a composição do Conselho camarário: "... e chegou a terra a tais termos que quantos ha hoje na Câmara são crioulos...". Alguns anos mais tarde, confirmava-se a criouliização do estrato dominante da ilha de Santiago em geral. (CABRAL, et.al, 2012, p.7-8)

Da nossa perspectiva, e, portanto, da perspectiva de quem busca enxergar o papel dos estratos subalternizados na construção do passado para melhor compreendermos o lugar que ocupam nas dinâmicas sociais do presente, o aspecto mais importante de se destacar como consequência direta desta primeira grande onda de transformação da estrutura societária de Cabo Verde são as mudanças nas estratégias de mobilização da força de trabalho que fizeram a economia local se movimentar de um molde clássico de escravidão ancorado na *plantation* a um modelo de mobilização de rendeiros e meeiros ligados à elite que ficou conhecida como os "brancos da terra" (BARROS, 2012, p.75-76).

Apesar de estarmos muito distantes de constatar a eliminação das hierarquias sociais rígidas que fundam a sociedade escravocrata, neste momento da história há um importante abalo das dinâmicas econômicas prevalecentes no momento anterior que produzirá como resultado muito direto a ascensão de novos atores sociais ao poder político. Tal movimentação se dará, *pari passu*, com o início de uma longa relação entre a elite local e a administração colonial que parece ter trocado estas posições de poder por um controle indireto do território (BARROS, 2012), pois conforme nos lembra Santos & Barros (2020, p.2): "Justification and legitimation were part of any imperial power, as well as strength, seduction and fraud (Mbembe 2017, Kumar 2017, Fanon 2011, Césaire 2004)".

Todavia, ao suplantando, ao menos em parte, a estrutura da *plantation*, este novo arranjo de manejo do território também me parece ser o momento onde se inicia de uma maneira mais robusta a composição de uma ampla rede formada por pesca artesanal, agricultura e pecuária de pequena escala e uma infinidade de fenômenos sociais derivados que levam o professor José Carlos Gomes dos Anjos (ANJOS, et al., 2016, p) a reconhecer em seu país de origem uma sociedade ancorada fundamentalmente nestas atividades.

De toda sorte, são estes arranjos sociais e políticos que ganham grande capilaridade por todo o arquipélago, possibilitam uma ocupação mais ampla e estruturada das ilhas e se mostram relativamente estáveis até o tumultuado século XIX. Principalmente após a independência do Brasil, a administração colonial sente a necessidade de voltar-se para suas possessões africanas na tentativa de reverter os prejuízos causados pela perda de seu território mais lucrativo, mas também pela necessidade de ocupar posições cada vez mais cobiçadas por outros países europeus.

Quando Portugal desperta para uma colonização efectiva do continente africano, a nova elite pequeno-burguesa crioula emergente da lenta reestruturação da economia escravista e da gradativa expansão da administração, no século XIX, encontra-se relativamente escolarizada, aproveitando das poucas escolas que se foram criando no quadro da reforma educativa instituída com o advento do liberalismo e do reposicionamento da Igreja com a institucionalização do seminário-liceu na segunda metade do século XIX.

Como observa Anjos, “os cabo-verdianos, pelo seu desenvolvimento intelectual e pela pureza dos seus costumes, estariam acima dos povos das demais colónias portuguesas. Nasce, aí, a posição clássica na localização cultural de Cabo Verde: abaixo de Portugal e acima dos demais países africanos em termos civilizacionais” (Anjos: 2002: 71). Assim, o reposicionamento de Portugal em direcção às suas possessões continentais abre chances para uma segunda etapa da afirmação da elite administrativa nativa crioula que entrevia nas reformas liberais uma ampla possibilidade de beneficiar com a universalização dos direitos de cidadania. (BARROS, 2012, p.109-110)

Este momento de maior aproximação da elite local com a coroa portuguesa irá se estreitar ao ponto de muitos caboverdianos serem mobilizados para trabalharem em postos administrativos em outros territórios coloniais portugueses, situação que gerará efeitos duradouros e bastante complexos para a cultura política do arquipélago.

A escolarização da elite local também é reconhecida por alguns historiadores como um movimento estratégico de realocação de seu capital financeiro na tentativa de manter o prestígio em relação à metrópole diante de uma economia agrária

profundamente impactada pelos primeiros movimentos mais robustos da revolução industrial (BARROS, 2012).

Em linhas muito gerais, talvez possamos nos arriscar a dizer que a escolarização das elites locais e sua intensa participação na administração colonial produziram uma situação ambígua, já que ao mesmo tempo que reforçou as cores de uma identidade “mestiça” responsável por ao menos em parte afastar o imaginário coletivo das ilhas do continente africano, criou as condições para a formação de uma elite intelectual responsável por lançar as bases do nacionalismo antes mesmo do nascimento do estado, o que parece ter contribuído imensamente com o processo de independência ocorrido em 1975 sob forte influência de um pan-africanismo avançado em termos ideológicos (ANJOS, 2000; MONTEIRO, 2015).

Bom, o título deste texto nos remete à pesca artesanal, mas até agora praticamente não falamos dos pescadores no processo de formação desta sociedade. Em meu favor, tenho a dizer que o que fiz até aqui foi refletir a própria historiografia do arquipélago e por isso Veena Das (2020) tem um papel fundamental em nos chamar a atenção para o que ocorre no ordinário, na vida cotidiana, em decorrência de grandes acontecimentos históricos.

Apesar de comumente ausente das narrativas sobre estes acontecimentos, a vida cotidiana segue seu curso. Fiquei muito tempo sem compreender porque é tão difícil ouvir relatos sobre o período das grandes fomes em Cabo Verde...Só compreendi melhor a ausência destes relatos do cotidiano quando li em Veena Das (2020) que, mesmo depois de anos, suas interlocutoras também não falavam uma palavra sobre os episódios de violência que sofreram em decorrência da participação da Índia ou após as ondas de violência que sucederam o assassinato da primeira ministra indiana Indira Gandhi . É que precisamos nos esforçar para aprender a ler o significado das zonas de silêncios, pois há situações em que a linguagem humana simplesmente não alcança ou não pode alcançar da forma com esperamos por força das circunstâncias em que nos encontramos enredados (DAS, 2020).

É exatamente aqui que nos reencontramos com os pescadores, pois sua ausência da história contrasta com sua onipresença no cotidiano das ilhas e ouvi-los de forma engajada e atenta é uma maneira de compreender o caos que se instala no cotidiano com o advento da pesca industrial estrangeira e nacional que produz um ambiente de angústias, fazendo-me perceber conflitos internos de uma sociedade que deve muito a esta complexa rede tradicional de pesca.

Apesar de desigualmente representados na historiografia, se os europeus produziram a morte e o horror com a sua apropriação especulativa do território, as camadas populares, com vínculos mais profundos com o continente africano do que com a Europa, produziram sistemas de apropriação extremamente adequados e equilibrados aos nichos ecológicos das ilhas que perduraram no tempo e no espaço, garantindo uma ampla rede de proteção social no presente (SILVA, 2018).

Com isso, o que tento fazer na minha pesquisa é, de alguma forma, preencher as lacunas e os silêncios da historiografia sobre as margens do sistema colonial que operou em Cabo Verde para trazer para o primeiro plano da minha discussão o papel central da comunidade artesanal de pesca para o processo de ocupação permanente das ilhas, somando forças com quem questiona a ordem social e política estabelecida no que tange à ausência do universo artesanal pesqueiro daquilo do que tenho nomeado de gestão estatal das pescarias (SILVA, 2018).

Por fim, a falta de peixe provocada centralmente pelos acordos de pesca celebrados desde 1990, hoje mais especificamente com portugueses, franceses e espanhóis e o descaso planejado tanto das elites locais quanto do próprio bloco europeu em relação a esta ampla e importante rede de pescadores artesanais, atualiza em termos protocolares a infâmia de outrora e finalmente nos faz pensar nos meandros coloniais da modernidade e na apropriação do passado para a estruturação do capitalismo tecnológico do presente.

As imagens de primitivismo associadas ao universo artesanal pesqueiro cumprem um papel importantíssimo no processo de desacreditação pública de pescadores e peixeiras de um lado, mas também colocam estes mesmos atores no centro da política e do poder, possibilitando que enxerguemos em suas narrativas sobre seu ofício, uma dura crítica política do lugar que o projeto de desenvolvimento do país destinou àqueles e àquelas que são um dos esteios desta sociedade.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Elisa Silva. As ilhas de Cabo Verde: da "descoberta" à independência nacional (1460-1975), Paris, L'Harmattan, 1996.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. Cabo Verde e a importação do ideograma brasileiro da mestiçagem. Horizontes antropológicos, v. 6, n. 14, p. 177-204, 2000. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000001400008.

ANJOS, José Carlos Gomes dos; SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes de; BRUSTOLIN, Cíndia. Projetos de Desenvolvimento e Populações Locais: Experiências em Cabo Verde e no Brasil. Revista Pós Ciências Sociais, v. 13, n. 26, p. 13-29, 2016.

BARROS, Crisanto Avelino Sanches de. Gênese e formação das elites político-administrativas cabo-verdianas: 1975-2008. 2012. 388 f. Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Sociais) – Universidade de Cabo Verde & Université Catholique de Louvain-la-Neuve, Praia, 2012.

CABRAL, Iva. Dos povoadores aos “filhos da terra”: a dinâmica da sociedade caboverdiana. 2012. Disponível em <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/handle/10961/354>.

CABRAL, I., Santos, M. E., Soares, M. J., & Torrão, M. M. Cabo Verde: Uma Experiência Colonial Acelerada (Sec. XVI-XVII). 2012. Disponível em <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/handle/10961/358>.

DAS, Veena. Vidas e Palavras: a violência e sua descida ao ordinário. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

MONTEIRO, Eurídice Furtado. Entre os Senhores das Ilhas e as Descontentes: Identidade, Classe e Gênero na Estruturação do Campo Político de Cabo Verde. 1. Ed. Praia: Edições UNI-CV, 2015.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.

SANTOS, Aurora Almada & BARROS, Víctor. Introduction. Amílcar Cabral and the Idea of Anticolonial Revolution. Lusotopie, XIX (1) | 2020. Disponível em <http://journals.openedition.org/lusotopie/4502>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Brasil: uma biografia / Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling - 1 ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, João Paulo Araújo. Homens e Mulheres de “riba mar”: a pesca artesanal de Porto Inglês, Cabo Verde, em perspectiva etnográfica. 2018. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TAVARES, Eugénio. Mornas – cantigas crioulas. Luanda: Liga dos Amigos de Cabo Verde, 1969.